

A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA *

Edson Belo Clemente de SOUZA**

A Geografia é uma disciplina que tem suas origens na antiguidade, estudiosos da época já a praticavam mesmo sem uma sistematização adequada. É a partir do século XIII que o capitalismo começa a se formar na Europa e, com ele, a expansão territorial, que exigirá um conhecimento melhor do espaço.

O crescimento do capitalismo, a partir do século XV e XVI - Fase Mercantil e de Acumulação Primitiva do Capital - quando se inicia o colonialismo europeu sobre a África, a Ásia e a América Latina, exige uma construção da forma da superfície terrestre. Neste sentido, a Geodesia é a principal área de conhecimento da Geografia, juntamente com a Cartografia, que tem um papel de suma importância no contexto da representação da Terra, a ponto de os geógrafos serem aqueles que manuseavam e dominavam a linguagem cartográfica.

A história da Geografia vai ganhar força a partir do capitalismo industrial, através do qual novas relações de produção se estabelecem e se arranjam social e espacialmente.

O aperfeiçoamento das técnicas de produção provocou uma nova divisão social do trabalho e, com isso, manifestou uma nova divisão territorial do trabalho e da produção, trazendo uma concepção de espaço exigida pela força do modo de produção capitalista.

Com o advento do capitalismo industrial a relação do homem com a natureza passa a ter um novo significado, pois o meio passa a ser apropriado pelo homem de forma a comprometer o equilíbrio natural existente até então. As modalidades de apropriação da terra vão se conjugar com a ampliação das forças produtivas que se intensificam, na medida em que a natureza se humaniza e que o homem se naturaliza numa relação dialética que os princípios filosóficos e metodológicos do positivismo não vão aceitar, pois a natureza é dissociada do homem, segundo os seus dogmas que estão germinando no final do século XVIII e que durante o século XIX e início do XX, tornam-se o paradigma de compreensão da relação do homem com a natureza.

As particularidades do desenvolvimento capitalista do século XIX serão o pano de fundo para que a Geografia passe a ser uma disciplina de interesse imperial.

O cenário político e econômico da Alemanha do século XIX vai gradativamente organizando a Geografia para que ela sirva de legitimação do poder imperialista.

É assim que Humboldt e Ritter, este, filósofo e historiador, e, aquele, naturalista viajante, ambos a serviço da hegemonia das classes dominantes alemãs, vão ser os primeiros sistematizadores da Geografia, enquanto ciência.

Por ser o último país da Europa Ocidental a se desvencilhar da estrutura feudal, a Alemanha, através do imperialismo bismarckiano, encontra na figura de Friedrich

* Texto elaborado na seleção do curso de Doutorado/Geografia/UNESP/Presidente Prudente

** Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Geografia - Faculdade de Ciências e Tecnologia - UNESP - 19060-900 - Presidente Prudente - SP - Brasil.

Ratzel alguém que possa explicar a sua ânsia de domínio político e econômico, justificando a necessidade da conquista de territórios para haver o crescimento e o desenvolvimento capitalista. A Teoria do Espaço Vital de Ratzel vem legitimar este propósito alemão do século XIX, buscando, portanto, o domínio de poder no espaço, o que veio denominar-se de Geopolítica.

Concebendo a natureza como um ser ativo em relação ao homem, os discípulos de Ratzel criam o Determinismo Geográfico que, em teoria, estabelece uma relação de subordinação do homem com a natureza.

O conflito entre a Alemanha e a França, criado em função da disputa por mais territórios, culmina com a Guerra Franco-Prussiana por meio da qual as regiões da Alsácia e Lorena passam a ser de domínio alemão.

Como forma de resistência ao domínio alemão, como também para garantir o seu lugar hegemônico no contexto histórico desse período, a França, através de Paul Vidal de La Blache, coloca-se de frente à teoria determinista. Pois, para La Blache, o homem não só atua sobre o meio como, também, permite transformá-lo, possibilitando novas organizações espaciais através de sua ação. E assim que a França legitima a sua resistência ao domínio alemão, como também o seu próprio domínio.

Discípulos de La Blache criam a Doutrina do Possibilismo Geográfico, destaque para Lucien Febvre por esta idealização.

Tanto Ratzel como La Blache contribuem, através de suas Escolas, para a sistematização da Geografia. Mesmo com métodos empíricos do positivismo, conhecidos dentro da Geografia Tradicional, os estudos de ambos estabelecem um novo marco na história da Geografia, pois seus discípulos desdobram e aprimoram os conhecimentos dos mestres, redundando em pesquisas mais profundas a partir, por exemplo, da teoria dos lugares de La Blache, a respeito da Geografia Regional.

Até a primeira metade do século XX, a Geografia Positivista teve um papel importante na explicação da relação da sociedade com a natureza. Inserido num contexto social e político, a ciência geográfica buscou interpretar como o homem vive em seu meio, mas desvinculado das mazelas que os interesses da classe dominante produzem no seio das sociedades.

Mascarando o domínio de classes, subjacente no próprio sistema, as escolas positivistas da geografia começaram a esgotar-se em termos de método, pois, explicar a sociedade do pós-guerra exigiu uma readequação metodológica e de princípios.

Buscando uma mudança da interpretação geográfica, a chamada Nova Geografia pouco se renova, pois a crítica que a mesma faz ao positivismo de nada altera a essência da visão social e política da sociedade.

O modelo matemático da Geografia Quantitativa serve apenas para mensurar números, como o próprio David Harvey afirma após se redimir do neopositivismo desta corrente geográfica.

O papel do Estado, nesse contexto, vai ser de vital importância para contribuir na compreensão da sociedade capitalista. Para o Professor Roberto L. Corrêa, "o Estado assume seu papel de ação e controle do espaço para melhor dominar o território". Neste sentido, o planejamento passa a ser de importância capital para o sistema, pois ele é o novo instrumento de poder político e econômico do capitalismo, que tem o Estado como seu mediador.

O modelo capitalista implantado pelo país, através da Substituição de Importações, vai também definir uma nova forma de apropriação da terra pelo capital, seja ela urbana ou rural.

Com a busca desenfreada do lucro, a ação do homem sobre o meio torna-se mais brutal, não medindo as conseqüências da intervenção que as indústrias, por exemplo, vão provocar no desequilíbrio ambiental.

Uma outra ala da Geografia que tem encontrado na Fenomenologia suas bases teóricas é a Geografia da Percepção. No Brasil se destaca o papel da Prof.^a Livia de Oliveira da UNESP/Rio Claro como a principal referência desta Geografia, pois além de traduzir o livro de Y-Fu Tuan, "O Espaço e o Lugar", tem tido freqüente produção científica nesta área.

Outras correntes também se destacam na chamada Nova Geografia como a dos Sistemas e a Teorética.

Criticando a Nova Geografia, Milton Santos, com todo o seu vigor teórico, aponta as falhas dessa tendência, dizendo que o caráter eminentemente descritivo não permite cientificar a Nova Geografia como Ciência, pois sem explicação não é possível.

Com esta "involução" da Nova Geografia, Milton Santos, em 1978, publica a obra que servirá como referência de uma nova concepção do espaço, principal categoria de análise geográfica, criticando os modelos anteriores.

A chamada Geografia Crítica ou Radical adota um novo método de análise geográfica, baseado no materialismo dialético de Marx. Entendendo que a natureza e a sociedade são indissociáveis, que não há como definir a natureza sem que esteja presente o homem, já que é o trabalho que mediatiza a relação entre o homem e a natureza.

O conceito de natureza, que não é natural, segundo Carlos Walter Porto Gonçalves, pois, inserido numa concepção social e política da história do desenvolvimento da sociedade, está por merecer maior atenção das ciências, objetivando romper as dicotomias que a história deixou, como a Geografia Física e Humana, Sociedade e Natureza ...

A interdisciplinaridade, no contexto atual do capitalismo, contribuirá para que as relações entre a sociedade e a natureza sejam entendidas de maneira a revelar a essência da organização do espaço geográfico, atentando para um caminho de uma sociedade mais justa e harmoniosa com o seu meio, sonhado por Elisée Reclus, Piotr Kopotrick, Henry Lefebvre, Manuel Castells, Jean Lojkine, David Harvey, Mark

Gottdiener, Milton Santos e outros.